

# Estertor dos Critérios

## Pluma

Entre a aldeia e a cidade, um mundo, neles e fora deles. Eis a minha interpretação. Os lugares são instâncias de reconhecimento e refúgio. Eis o teu papel, nos cenários mais ou menos evitados, ignorados, escuros e sujos, porque a transumância do saber a isso obriga. Quando pensas que és o melhor, estás a dar um passo em falso. Num país de liberdade recente, muito se conquistou. E tu agradeces a todos aqueles que lutaram por ela. Estás em casa, no teu refúgio, porque és um político, um agitador, nem que seja das ideias, em vista a as pessoas se sentirem melhor. Elas mesmas. Procuo o gravador de chamadas que comprei não sei onde e espero poder reativá-lo. No Alto de São João, a presença de uma ou duas chamadas junto ao telefone alegrava-me a alma quando chegava a casa. Perdemos esse hábito, saber esperar. Procuramos tudo e tudo se encontra pronto a consumir. O consumo é o elo de ligação ao real social, de que precisamos para actualizarmos a nossa relação com o real e sentir que não somos falhados socialmente. Depois, é preciso uma visão distanciada e antes que a sociedade portuguesa se estampe contra uma parede, como aconteceu a parte da americana e brasileira, há que ter tento. Ou deixar andar, cada um se estampe como quiser...

Podemos interrogar-nos, não preferível o jornalismo à ficção? A literatura tudo aplaca, num certo registo, numa certa narrativa mais ou menos política. Por isso, defendo que há quem provoque a teoria, simplesmente porque não tem talento. Procura a provocação de factos sócias, no trabalho de campo e das fontes, no jornalismo. A que está no Parque das Nações, entre a estação do Oriente e a entrada do Vasco da Gama é uma delas. Pura e simplesmente...

E, de resto, o que tem em comum a Mariel Hemingway e a mais recente lei da eutanásia? Era nisto que estava a pensar, uns puxam para um lado outros por outro. Nas Descobertas não era assim, na Expo também não era assim, no euro 2004 estávamos todos juntos, embora uns seja mais canibais do que outros, poderia dizer João Botelho...

Sim, tudo nasce da fonte, as águas descem vale abaixo, rio abaixo, ou acima, conforma a orientação da geografia. E nós analisamos isso, bem como a geologia e a arqueologia das coisas. Bebo um pouco de cerveja, vejo um pouco de TV, está a dar no Hollywood Christopher Reeve enquanto superhomem. E lá está a Mariel Hemingway. Tina Turner faleceu ontem, a mulher dos cavalos. E é que não me importo de não ter carro?

O mundo está extasiado e não sei porquê. Não acredito que eu seja o mundo. Que eu seja o outro. No entanto, persisto, sem grande afago ou meiguice. Estou, de resto, entre a rua e a academia.

Sim, o superhomem voltou, nem que seja no ecrã da TV, que não é de todo o Super Homem nietzscheano que ameaça o poder de um Deus silencioso, que deixa tudo para nossa imaginação, antes ou depois das Jornadas Mundiais da Juventude, onde era para ter sido um campo de golfe... Sim, a felicidade dá trabalho, pois tem que ver com a realização pessoas, o esforço, o escorço de um sistema de vida ou de uma vida mais ou menos sistemática. Por isso a Idade Média não foi de Trevas, foi uma idade feliz, nada como saber que se tem emprego certo durante alguns anos, podemos dispensar perfeitamente a insegurança dos tempos voláteis e revoltos como o mar da Nazaré... Deus pá e espera, dá crédito ao homem para que fique mais confortavelmente próximo, que seja ele, pois precisa de férias, precisa de uns dias na Caparica...

A boa filosofia é aquela que se faz em tempos realmente confortáveis. Mas nem só, Heidegger escreveu a maior parte do tempo durante a guerra, não se sabe porque talvez pela tarifa do medo, no comboio Europa ou das obras de Lars Von Trier...

Enquanto a Europa é estática e educada, pede licença, os EUA são obscenamente dinâmicos, talvez porque ainda estejam fazendo história (para eles mesmos) nas guerras que vão travando nos termos do planisfério, ou seja, nem tudo o que é americano é mau, ou chinês, ou russo, hindu ou brasileiro...

**Victor Mota**